

Huka Huka, Luta Marajoara, Luta Livre Esportiva, Jiu Jitsu, MMA e Capoeira, sim sim, existem lutas brasileiras.

Ronaldo dos Reis
Escola de Aplicação da FEUSP

Resumo

No Ensino Médio da Escola de Aplicação FEUSP, desde o ano de 2013, desenvolve-se um projeto onde as turmas são divididas por escolhas dos estudantes, assim como acontece nos componentes de Artes (artes visuais, música e teatro) e Línguas Estrangeiras (Espanhol, Francês e Inglês), em Educação Física as aulas são divididas em Danças, Ginásticas, Jogos e Lutas, onde as turmas de maneira multisseriada são elaboradas a partir das escolhas dos estudantes e organização dos professores, assim desenvolvendo suas atividades durante um ano letivo com cada uma das turmas que anualmente se transformam ano a ano. Em 2017 na turma de lutas, foi realizado pelo primeiro ano um trabalho com o enfoque em lutas brasileiras, onde os estudantes, assim como o professor buscaram descobrir a partir da problematização de existir ou não lutas brasileiras, encontraram práticas corporais como o huka huka indígena da etnia kamaiurá, a luta marajoara da ilha de Marajó, a luta livre esportiva que dialoga com a luta olímpica, mas que tem sua origem no Estado do Rio de Janeiro, sendo que em dado momento da história esteve em contraposição com o jiu jitsu brasileiro, idealizado pelo mestre Hélio Gracie e sua família, exportado pelo mundo assim como a Capoeira e o MMA (originado a partir dos desafios de vale tudo), que originalmente saíram do Brasil e conquistaram o mundo. A partir das atividades didáticas propostas e vivências corporais os estudantes encontraram as diferentes lutas brasileiras, que se entrecruzam nas origens, hibridizando-se no mundo estabelecendo diálogo com as artes marciais, transformando-se em modalidades esportivas, ou mesmo em produtos culturais entendidos como esportes, ou mesmo espetáculo como no caso do MMA.

Atuando no Ensino Médio na Escola de Aplicação FEUSP, desde 2010, ouvia reclamações dos colegas sobre as turmas, conflitos, desinteresses e outros contratemplos dos quais mesmo vivenciando e entendendo como necessários para a formação dos estudantes e de nós professores, fizeram com que um desejo de parte do grupo de professores de Educação Física da escola colocassem em prática um projeto segundo eles já gestado em anos anteriores, baseados em possibilidades vivenciadas em algumas escolas da rede particular, entendendo como uma realidade próxima da Escola de Aplicação, mas que produziria uma mudança na configuração das turmas e seria uma aposta que efetivaria uma maior participação dos estudantes, que reduziriam os conflitos e por fim produziriam uma outra Educação Física para a Escola de Aplicação.

A partir do ano de 2013, inicia-se o projeto no Ensino Médio, onde as turmas são divididas por escolhas dos estudantes, semelhante ao que acontece na escola nos componentes de Artes (artes visuais, música e teatro) e Línguas Estrangeiras (Espanhol, Francês e Inglês), com algumas diferenças, onde apenas no caso da Educação Física as turmas estão organizadas de maneira multisseriadas, sendo divididas em Danças, Ginásticas, Jogos e Lutas, agrupadas entre as turmas I e II de cada tema, nesse caso entendido como curso anual, sendo assim, os estudantes durante seu curso de Ensino Médio escolhe o seu curso de Educação Física, com a possibilidade de eliminar uma das propostas, elaborando assim seu curso do 1º ao 3º ano, cursando uma das propostas por ano.

Cerca de cinco anos nos distanciam do início do projeto, não sendo realizada nenhuma avaliação efetiva nas turmas, mas com falas positivas dos estudantes em relação as suas atividades. Apesar de distanciar-se das práticas realizadas nas escolas em todo o país e com uma característica muito particular pela trajetória dos professores que ministram cada um dos cursos, possivelmente o que inviabilizaria a realização em outras escolas que não pensassem a contratação dos seus professores sem a mesma especificidade, vemos a consolidação dos cursos e o início de novos problemas.

Nesse relato apresentaremos as aulas desenvolvidas no ano de 2017, onde decidimos reconfigurar a proposta do curso, já que em anos anteriores dividíamos o curso lutas em 03 etapas, uma por trimestre, porém nesse ano decidimos dividir o curso em 02 partes, com o primeiro semestre dedicado ao enfoque em lutas brasileiras, onde os estudantes, assim como o professor buscaram descobrir a partir da problematização de existir ou não lutas brasileiras.

Quando iniciamos nossas atividades, ao apresentar que aos estudantes que nosso curso estaria dividido em 02 etapas, sendo a primeira, no primeiro semestre, dedicado inteiramente às lutas brasileiras gerou os primeiros questionamento dos estudantes. “Lutas Brasileiras?”, “Vixi, vamos ficar um semestre fazendo capoeira?”, “Capoeira é africana”, “Vamos fazer aquela luta de índio?”, entre outras narrativas que demonstrava o desconhecimento dos estudantes de práticas corporais de lutas originadas no Brasil.

Como início de nossas atividades apresentamos algumas imagens de lutas, pedindo para os estudantes apresentarem suas leituras, dizendo o nome da luta, se conheciam ou não, o que caracterizava, se já conhecesse ou apenas pela imagem, assim produzindo um resultado interessante. Ao sugerirmos essa atividade didática já tínhamos em mente o trabalho com a luta huka huka, a luta marajoara, a luta livre esportiva, o jiu jitsu brasileiro, a Capoeira e o Mixed Martial Arts (MMA, originado a partir dos desafios de vale tudo). Alguns estudantes apresentaram uma grande surpresa ao conhecer a existência do jiu jitsu brasileiro, identificado inicialmente pela imagem como judô, também como a origem brasileira do MMA. Porém o desconhecimento total da luta marajoara e da luta livre esportiva.

Ao sistematizar as vivências práticas para a realização dos estudantes iniciamos pela luta indígena Huka Huka. Apresentamos aos estudantes o ritual do Kuarup

desenvolvido pelos Kamaiurás que originalmente produziu o Huka Huka, já que hoje a prática já circula em outras etnias devido aos jogos indígenas realizados por diferentes etnias. Outro vídeo apresentado aos estudantes foi do lutador brasileiro Anderson Silva visitando a aldeia kamaiurá para aprender as técnicas da luta para fazer uma peça de marketing para uma empresa que exporta açaí, associando a marca como um produto originalmente brasileiro, assim como o atleta e a luta indígena. Assim a partir da fala de um dos indígenas no vídeo apresentado explicando as regras, realizamos nossas primeiras vivências no espaço da escola utilizando tatames. Nas aulas que se seguiram, realizamos a proposta no campo de areia do Cepeusp, que já serviu de espaço para vivenciarmos a Luta Marajoara.



A partir das aulas na areia foi possível realizar as atividades sobre a luta marajoara, com sua gestualidade específica, em uma das vivências realizadas, ao assistir um vídeo que explicava as regras e os principais movimentos da luta marajoara os estudantes estabeleceram algumas relações com outras lutas, como por exemplo, a luta olímpica. Segundo o representante da luta marajoara, o lutador do UFC, Iuri Marajó, a inspiração para a modalidade estava no confronto dos búfalos na Ilha de Marajó, apresentando como um dos momentos mais marcantes dos lutadores da “agarrada”, apelido dado pelos praticantes da luta, são as festividades e a competição realizada durante o mês de janeiro na festa do glorioso São Sebastião, um dos patrimônios

imateriais da cultura brasileira desde 2013, onde os melhores lutadores da ilha estão presentes.



Continuando com a gestualidade característica a Luta Marajoara, as vivências práticas na areia, possibilitaram outros olhares aos estudantes em relação às lutas praticadas em tatames ou ginásios como espaços efetivos de competição. Ao comparar com a luta indígena Huka Huka os estudantes indicam que as festas são os temas principais, mesmo que o viés esportivos presentes nas lutas estejam presentes. Em continuidade com nossas atividades a luta livre esportiva foi associada aos estudantes com as luta livre, conhecida como wrestling, que nos Estados Unidos tem como maior evento com visibilidade internacional o WWE (World Wrestling Entertainment), ou aos mascarados da Lucha Libre do México, ou anteriormente no Brasil como Tele-Catch, devido a um programa televisivo da década de 1960, porém a luta livre esportiva no Brasil não está relacionada a nenhuma delas.

Apresentamos aos estudantes trechos de uma série de vídeos intitulada Luta Livre Spirit, onde grandes nomes da modalidade falavam sobre seus feitos contando suas histórias e alguns “causos”. Eugenio Tadeu, Alexandre Pequeno, Leozada Nogueira, Daniel D’dane, Hugo Duarte, mestre João Ricardo, entre outros, além do lendário mestre Roberto Leitão, único episódio da série que assistimos na íntegra. A partir da indicação dos vídeos e das falas do mestre Roberto Leitão, foi possível aos estudantes conhecer mais de perto a luta livre esportiva, onde os movimentos

assemelham ao que hoje denomina-se Grappling, Submission ou Jiu Jitsu No Gi (sem kimono) o que segundo o mestre Roberto Leitão não representa efetivamente o nome da modalidade, segundo o mestre “A luta livre não é jiu jitsu sem kimono, nem nada disso que falam por ai, a luta livre é livre, porque é livre de adereços, luvas, quimonos, etc...”.



O entendimento da luta livre esportiva se deu com maior profundidade ao explorarmos em uma das atividades didáticas os conflitos entre o jiu jitsu e os lutadores de luta livre nos desafios de vale tudo. Assim originando os primeiros confrontos de grande dimensão difundindo o jiu jitsu brasileiro, criado a partir da vinda da família Gracie para o Rio de Janeiro e o desenvolvimento da modalidade pelo mestre Hélio Gracie, que desenvolveu a modalidade a partir de seu biótipo franzino e necessidade de enfrentar lutadores com às vezes o dobro do seu peso.

As alavancas do jiu jitsu brasileiro e da luta livre esportiva a partir da especificidade da gestualidade dos golpes de ataque, defesa, proporcionando, imobilizações, estrangulamentos e quedas possíveis nas modalidades. Assim durante um período as vivências estabeleceram relações entre as duas práticas corporais, na versão esportiva do jiu jitsu brasileiro apresentei aos estudantes, quimonos, faixas e outros materiais utilizados por mim na minha prática, bem como fotos, medalhas e certificados de participação em seminários.



O viés esportivo das modalidades trouxeram outros olhares para a prática principalmente do jiu jitsu brasileiro que esteve entre as modalidades que estavam para ser escolhidas para estarem presentes nos próximos jogos olímpicos (as escolhidas foram a escalada, skate, caratê, beisebol, softbol e basquete 3X3), mas principalmente compõem o repertório dos lutadores do Ultimate Fight Championship (UFC), evento de MMA com cifras milionárias, criado por Rorion Gracie, onde as duas primeiras edições do evento com outras características e regras foram conquistadas por Royce Gracie irmão mais novo de Rorion.

Nas atividades que seguíam solicitei aos estudantes buscarem outros eventos de vale-tudo ou MMA, onde a partir das pesquisas observamos as mudanças das regras e a “higienização” da modalidade de luta em relação aos desafios de vale-tudo, onde segundo os estudantes os lutadores tinham muito a perder com as regras antigas. Os estudantes destacaram que antigamente os eventos principais eram apenas o UFC, Strikeforce e o Pride FC, mas que hoje existem muitos eventos de renome internacional, além do UFC e o Shooto, que hoje tem sua versão brasileira, ainda tem o Bellator, One FC, WSOF, XFC, o brasileiro Jungle Fight, considerado o maior da América Latina e maior evento feminino, Invicta FC. Os estudantes também apresentaram o grande crescimento das aulas de MMA nas academias e o aumento das academias de lutas nos bairros, além de grandes franquias das equipes, como por exemplo, as academias da Team Nogueira dos irmãos Nogueira, a Nova União da qual o atleta José Aldo faz parte e as academias com a marca da família Gracie (Gracie Jiu Jitsu, Gracie Barra, Ryan

Gracie, etc), transformando a luta num produto de consumo com objetivos diferentes dos apresentados em outras modalidades.

Por fim, as atividades propostas a partir da Capoeira, possibilitou aos estudantes, diferentes olhares para a prática corporal, onde suas gestualidades, musicalidade, sua especificidades que em relação às demais lutas brasileiras apresentam uma originalidade e aspectos diversos, já que ao mesmo tempo em que encontram-se nas academias voltados para o condicionamento físico com apresentada também no MMA, encontra-se com características competitivas em campeonatos como todas as demais lutas brasileiras, porém estão atreladas a festas e rituais, assim como a luta marajoara e o huka huka.



Uma das atividades propostas aos estudantes, à visita em academias, clubes, centros culturais onde acontecem aulas de capoeira, para observar ou mesmo participar das aulas, aproveitando para conversar com os praticantes e com os mestres, professores entre outros que promovem as atividades. Ao ouvir dos capoeiristas, suas histórias, suas vivências e seus pensamentos em relação à prática, os diferentes olhares de acordo com o seu tempo de vivência, assim como os seus diferentes objetivos com a prática, foi possível ampliar o olhar para a Capoeira, bem como ver a multiplicidade presente nas falas e nas pessoas que produzem a capoeira em diferentes ambientes onde ela acontece. Assim conseguindo ampliar as leituras para além das práticas da capoeira Angola, regional e Contemporânea apresentada pelos estudantes, já que segundo eles em

algumas das academias, as características estavam distantes dos conhecimentos estudados nas aulas sobre os estilos, o que também os confundiam quando comparadas as falas dos capoeiristas entrevistados.



Para encerrar nossas atividades os estudantes produziram com as características da própria turma, a sua roda de capoeira, contemplando os conhecimentos acessados a partir das vivências com os instrumentos, a musicalidade, a gestualidade e os fundamentos que são regras essenciais para que a capoeira aconteça.

Concluimos o primeiro semestre avaliando nossa experiência com as lutas a partir do olhar da turma, que em momentos iniciais, suspeitaram não existir lutas brasileiras para além da capoeira. A presença da diversidade nas lutas para os estudantes em algumas falas representam também a diversidade do povo brasileiro, assim como também avaliam que a origem do MMA faz com que existam tantos atletas famosos no UFC.

“... já as lutas indígena (Huka Huka) e marajoara por mais eficientes que pareçam não são tão chamativas como a capoeira que tem músicas e faz com que os lutadores possam fazer malabarismos com o corpo.”

“A Capoeira pode ser vendida(exportada), já as outras lutas são mais brasileiras mesmo, pois têm seus rituais fortes, o que deixam claro a ligação com os ancestrais

brasileiros tanto indígenas, como africanos e o povo da Ilha de Marajó que tem traços indígenas, mas não são indígenas.”

“As diferentes lutas do povo brasileiro imitam o próprio povo, onde cada um tem seu jeito e seus rituais, mas convivem cada um com suas regras e rituais, o que nos faz um povo lutador e vencedor, sim nós temos lutas brasileiras.”

